



# JOHN SYNGE E A LITERATURA DE VIAGEM

---

JOHN SYNGE AND TRAVEL LITERATURE

Raimundo Sousa<sup>1</sup>

*Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*

**Resumo:** Mediante a leitura de *The Aran Islands* (1907), relato de viagem do irlandês John Synge às ilhas situadas no oeste do país, este trabalho examina como o dramaturgo representa a comunidade camponesa, investida pela *intelligentsia* nacionalista de valor simbólico enquanto guardião de heranças pré-coloniais. Na contramão de leituras tradicionais, limitadas a sublinhar o papel da experiência etnográfica no desenvolvimento da estética syngueana, demonstro que a representação de Synge acerca dos camponeses assume contornos orientalistas. Inserido numa formação discursiva orientalista, o viajante reitera dualismos como natureza/cultura e civilização/barbárie, cristalizando diferenças entre o campesinato e a aristocracia anglo-irlandesa, classe dominante à qual pertencia.

Palavras-Chave: John Synge; Literatura de viagem; Camponeses; Orientalismo interno.

---

<sup>1</sup> Doutorando - Pós-graduação em Letras - Universidade Federal de Minas Gerais - Bolsista FAPEMIG. E-mail: raimundo\_sousa@terra.com.br

---

**Abstract:** *Through the reading of The Aran Islands (1907), a travel narrative by the Irish John Synge to Ireland's western islands, this paper examines how the playwright represents the peasant community, invested by nationalist intelligentsia of symbolic value as the guardian of pre-colonial inheritances. Contrary to traditional readings, limited to underline the role of ethnographic experience in the development of synguean aesthetics, I demonstrate that Synge's representation about the peasants assumes Orientalist outlines. Immersed in Orientalist discursive formation, the traveler reiterates dualisms such as nature /culture and civilization/barbarism, crystallizing differences between the peasantry and the Anglo-Irish aristocracy, the ruling class to which he belonged.*

KeyWords: *John Synge; Travel literature; Peasants; Internal orientalism.*

## INTRODUÇÃO

O atrelamento entre saber e poder, propalado por Francis Bacon mediante o aforismo *knowledge is power* e recodificado por Michel Foucault no binômio *pouvoir/savoir*, exprime-se com propriedade em processos linguístico-discursivos como a representação, tal como observável em relatos de viagem-práticas de significação não raro inscritas em um sistema valorativo etnocêntrico e, portanto, calcadas na inscrição de alteridades étnicas e geográficas em determinados *regimes de verdade* que lhes atribuem significados frequentemente caros à instauração e/ou à manutenção de determinada hierarquia de poder. Todavia, a representação – aqui tomada sob um prisma construcionista, não como expressão especular de um suposto referente, mas, antes, como um sistema linguístico e cultural arbitrário – pode ser desestabilizada, na medida em que a hierarquia de relações de poder que a legitima não é fixa e tampouco definitiva. No entanto, por mais que no embate entre colonizador e colonizado o segundo possa subverter os padrões culturais e perfis identitários impostos pelo primeiro, não lhe cabe ocupar as mesmas posições discursivas (com seus estatutos e sentidos) que este, porquanto “é a partir das posições do colonizador que são projetadas as posições possíveis (e impossíveis) do colonizado” (ORLANDI, 1990, p. 52). Por conseguinte, mesmo a *transculturação*, modo como grupos subjugados remodelam elementos transmitidos por uma cultura dominante, mantém-se dialogicamente tributária do discurso colonial. Ademais, por vezes a elite colonizada reproduz tecnologias de opressão adaptadas do próprio regime colonial, haja vista a invenção de fronteiras internas para a instauração de determinada concepção de identidade nacional. Tal expediente, denominado por alguns como *orientalismo interno*, envolve a *alterização*

---

de uma região (relativamente) fraca por uma região (ou regiões) mais potente no interior do Estado e sua representação de uma forma particular (hostil) de modo a produzir uma identidade nacional (isto é, em escala estatal) com características desejáveis (JANSSON, 2003, p. 296-297)<sup>2</sup>.

Essa *racionalização do espaço* (atribuição à diversidade geográfica de valor étnico-racial) pode ser exemplificada, com ressalvas, na forma como o nacionalismo cultural irlandês, entre o último quartel do século XIX e alvorecer do seguinte, centralizou em sua agenda a fetichização de um grupo subalterno, o campesinato do extremo-oeste do país, como emblema de irlandesidade por exibir mais frugalmente sinais da intervenção inglesa graças a seu isolamento geográfico. Em uma batalha simbólica travada com o discurso colonial, a *intelligentsia* se valeria de representações culturais pautadas em uma intrincada relação sujeito-espaço-tempo que deslocaria o camponês, seu *habitat* e *modus vivendi* para um pretérito necessariamente idílico, forjando-se uma tradição que motivasse a construção de um análogo porvir. Mas se o orientalismo interno não prescinde de representar a região subordinada como afligida por mazelas de toda sorte e, assim, reforçar sua condição de alteridade frente ao restante do território – como um Outro “contra o qual uma identidade nacional positiva possa ser derivada” (JANSSON, 2003, p. 297) –, em que medida a idealização do *noble peasant* pelo projeto nacional irlandês assumiria contornos orientalistas? *The Aran Islands* (1907), narrativa de viagem em que John Millington Synge “relata” os modos e costumes dos camponeses que habitavam a costa oeste do país, é elucidativo nesse ponto. Precisamente porque escrito por um folclorista, o texto tem suscitado leituras frequentemente laudatórias em que se sublinha como o escritor, tal como outros intelectuais vinculados à revivescência gaélica, buscou no oeste elementos de contraposição a padrões culturais metropolitanos. O elogio à mestria do intelectual colonizado em forjar contra-identidades responsivas às imposições coloniais distrai a atenção para uma imposição interna à custa da qual tal contraposição se efetivou. A maioria dos críticos não observa, por exemplo, que o mesmo primitivismo atribuído aos camponeses para fixar uma noção de Irlanda bucólica diversa de uma Inglaterra urbana e materialista cristalizava diferenças no interior da própria Irlanda.

Tendo Synge como um de seus fundadores, a *Irish National Theatre Society* emergiu, curiosamente, em concomitância com o franco declínio da Ascendência Protestante anglo-irlandesa, cuja hegemonia era abalada devido a

---

<sup>2</sup> Todas as traduções de citações em língua estrangeira são de minha autoria.

---

uma crescente emancipação dos camponeses, que, beneficiados pelos *Land Acts*, agora tinham direito à aquisição de propriedades. Uma vez que essa mobilidade social implicava a formação de uma burguesia católica desestabilizadora de um regime praticamente feudal, pautado no dualismo entre aristocracia e campesinato, o fato de literatos advindos da ascendência protestante exaltarem o tropo do *noble peasant* pré-moderno – e, sobretudo, pré-burguês – pode ser visto sob um viés ideológico: a idealização do camponês economicamente modesto, porém culturalmente opulento, como quintessência do nacional configuraria uma forma de cristalizar diferenças evanescentes na nova ordem social (MURPHY, 2003). Em consideração a esse contexto de enunciação e aos procedimentos discursivos com que Synge, malgrado um anglo-irlandês atípico<sup>3</sup>, atribui significados aos camponeses, procuro demonstrar em que medida sua representação do campesinato em *The Aran Islands* consiste em uma prática de orientalismo interno.

## 1 MISSÃO ANTICIVILIZADORA

Em 1896, dois anglo-irlandeses idealistas se conheciam na charmosa Paris, centro cultural da Europa finissecular. Enquanto um consolidava ambiciosa carreira nas Letras, o outro ainda buscava sua vocação intelectual. William Yeats, o primeiro, foi sincero após ler algumas escrevinhações do novo amigo, John Synge: “Desista de Paris. Você nunca vai criar nada lendo Racine, e Arthur Symons será sempre um crítico melhor da literatura francesa” (YEATS, *apud* BOURGEOIS, 1913, p. 40). Vendo no limitado, porém empenhado conterrâneo um colaborador em potencial para suas aspirações nativistas, o poeta lhe atribui uma tarefa que finalmente revelaria sua aptidão: “Vá para as Ilhas Aran. Viva lá como se você fosse uma dos próprios habitantes; expresse uma vida que nunca encontrou expressão” (YEATS, *apud* BOURGEOIS, 1913, p. 40). Munido de cadernos de anotações e câmera fotográfica, o jovem desembarcaria dois anos mais tarde nas remotas ilhas da Costa Atlântica.

Quando da primeira viagem, o “missionário” cobiçava encontrar Inishmaan, Inishere e Inishmore (ou Aranmore) ainda virgens, isto é, não irrigadas pelo sêmen da civilização – conforme um crítico literário da época,

---

<sup>3</sup> Haja vista sua ruptura com o protestantismo, sua simpatia por ideais socialistas e sua manifesta anglofobia.

---

Synge “foi a esse grupo de ilhas (...) porque queria fugir para um ambiente perfeitamente estranho e virgem” (SHERMAN, 1917, p. 202). De largo uso no repertório discursivo de viajantes – sobretudo daqueles vinculados à empresa colonial –, a metáfora da virgindade exprime um desejo de posse, uma vez que, “se a terra é virgem, os povos colonizados não podem reivindicar direitos territoriais aborígenes e o patrimônio do homem branco é violentamente assegurado...” (McCLINTOCK, 1995, p. 30). Essa cobiça pela posse das ilhas exprime, portanto, uma economia simbólica de desejo heterossexual, na medida em que estas são representadas por Synge como análogas a uma figura feminina, tal como sugere uma nota de Yeats sobre como o amigo “entendeu subitamente que ele estava com ciúmes, como se a ilha fosse uma mulher” (YEATS, 1911, p. 21). Se a ilha é metaforicamente uma mulher, a recíproca é igualmente válida; em *The Aran Islands* as mulheres, como que imanentes à natureza, repetidas vezes são associadas à fauna local como “tão belas quanto aves marinhas tropicais” (SYNGE, 1907<sup>4</sup>, p. 55) ou “estranhamente selvagens e com aparência de foca” (AI, 113). Tal analogia por vezes é erotizada, como evidencia o comentário “[o] dia estava insuportavelmente abafado, e a areia e o mar perto de nós estavam cheios de mulheres seminuas” (AI, 106). Seminuas e em conglomerado, as mulheres constituem mais um elemento da própria paisagem; uma paisagem que, convidativa à exploração, sugere uma assimetria de gênero entre o visitante masculino penetrador e a terra femininamente passiva.

Ao se defrontar, todavia, com indícios de modernidade aqui e acolá, o visitante é narcisicamente ferido em sua fantasia de desbravamento ao se dar conta de que as ilhas há muito não são mais virgens. Em tom paternalista, desabafa que os ilhéus são “facilmente corrompidos (...) porque são tão simples”, de forma que “[q]uando são corrompidos eles são difíceis, são rudes, são tudo o que é ruim. Mas eles só são assim aonde os turistas de classe baixa vão” (SYNGE, *apud* MASEFIELD, 1915, p. 15). Ignorando a inevitabilidade das trocas culturais ao representá-los como vulneráveis e facilmente corruptíveis, Synge tampouco reconhece sua própria intervenção como agente da modernidade, por introduzir em Ara produtos tecnológicos como relógio e câmara fotográfica e mesmo pelo livro que serviria como guia ou chamariz para novos visitantes. Curiosamente, entre os corruptores que já haviam penetrado as três irmãs-ilhas se incluía um tio do próprio viajante, que tentara, na

---

<sup>4</sup> Doravante o texto será referenciado pela abreviação AI, seguida do número da página.

---

qualidade de missionário protestante, convertê-las à fé cristã. A coincidência sugere o quanto os camponeses eram reificados como objeto de disputa entre diferentes concepções ideológicas: ao passo que o primeiro dos Synge buscava engravidá-las de civilização frente ao ranço de paganismo ali presente, o segundo aspirava à sua perfeita imobilidade histórica.

No combate à “contaminação” dos camponeses, o escritor por vezes assume uma postura tutelar, como na admoestação a um menino que preferia ser fotografado “em seus trajes domingueiros de Galway” ao invés de “seus andrajos nativos que o tornavam muito melhor, embora ele não goste deles, já que parecem ligá-lo à vida primitiva da ilha” (AI, 160). Nessa aversão à modernidade – sinônimo de Inglaterra –, o critério categórico para a degradação do campesinato consistia na introjeção de uma ideologia capitalista que feriria mortalmente sua atratividade, já que “muito da inteligência e do encanto dessa gente se deve à ausência de qualquer divisão do trabalho” (AI, 156-157). A seu ver, os insulanos, precisamente por não se especializarem em um único ofício, eram dotados de habilidades múltiplas, em favorável contraposição à insipidez daqueles que “têm sempre a mesma ocupação” (AI, 157). Em seu idealismo romântico, ao modo de Rousseau – que preconizara o mito do *bon sauvage*, em contestação à razão iluminista, de forma que sua pureza simbolizaria a bondade humana inata que a vida institucionalizada insistia em corromper –, Synge cultua o suposto primitivismo dos camponeses como substrato de um mundo espiritual já extinto em centros urbanos dominados pela Revolução Industrial. Se bem que, por um lado, sua atitude possa ser tomada, em termos marxistas, como contraponto a uma possível alienação do campesinato, por outro consiste em um afã de adequá-lo a um modelo idealizado, o camponês-símbolo, no qual o camponês-indivíduo cada vez menos se conformava.

Com efeito, a personalidade introspectiva que abalizava sua concepção estética – conforme Yeats (1911, p. 22), Synge “pertencia àqueles que, como Wordsworth, como Coleridge (...) têm pouca personalidade (...) mas imaginação ardente e cismada” – dependia do *input* fornecido pelo bom selvagem, que, para inspiração do literato, deveria permanecer em estado inerte, como que cristalizado em um passado ideal. Um estado que ia exatamente de encontro à necessidade de aperfeiçoamento econômico em um pós-Grande Fome em que a sobrevivência da comunidade campesina dependia, em larga medida, de relações comerciais e subsídios advindos da migração de familiares para

---

grandes centros urbanos, sobretudo nos Estados Unidos. Se, por mais que Synge os preferisse “morrendo de fome, mas maravilhosamente atraentes e encantadores”<sup>5</sup>, os camponeses estariam fadados à penúria, caso não desenvolvessem novas estratégias econômicas. O escritor “resolve” engenhosamente tal impasse ao sugerir que seria exatamente na condição de pauperismo que estes finalmente se aproximariam da aristocracia. Ora, a despeito de “[s]eu modo de vida nunca ter sido interferido por nada muito mais artificial do que os ninhos e tocas das criaturas que vivem ao seu redor”, eles se encontram muito mais próximos dos “tipos mais finos de nossas aristocracias (...) do que do trabalhador ou cidadão” (AI, 33). Ao equiparar o campesinato à sua própria classe, o aristocrata faz *tabula rasa* de disparidades ainda existentes entre as classes, obliterando um histórico de opressão social. Consequentemente, a suposta equivalência (simbólica) abre espaço exatamente para a exacerbação da diferença (social) ao sugerir a dispensabilidade da luta de classe.

Decepcionado com o que vira até então, o explorador decide concentrar-se em Inishmaan, “onde (...) a vida seja talvez a mais primitiva que resta na Europa” (AI, 10), em patente contraste com Aranmor, aquela mais ao norte, que “tem sido sobremaneira alterada pela indústria da pesca” (AI, xiii-xiv), de modo que “[o] encanto que as pessoas ali compartilham com os pássaros e as flores foi aqui substituído pela ansiedade dos homens ávidos por ganho” (AI, 125). Na mais recôndita das ilhas Synge, por fim, encontraria o cobiçado primitivismo: “Deu-me um momento de requintada satisfação encontrar-me afastando da civilização nessa rude canoa de lona de um modelo que tem servido a raças primitivas desde que o homem foi pela primeira vez ao mar” (AI, 15). Esse atravessamento de fronteiras implicava, na episteme ocidental em que Synge se inseria, um instantâneo encontro com um Outro o mais diverso possível. A travessia, enquanto passagem ritualística entre dois mundos, sugere um deslocamento não apenas espacial mas, sobretudo, temporal. Movendo-se da “civilização”, o aventureiro adentra um outro espaço, ora associado à Idade Média – “Cada artigo sobre estas ilhas tem um caráter quase pessoal, que dá a essa vida simples (...) algo da beleza artística da vida medieval” (AI, 18) –, ora mesmo à pré-história, como expresso no fascínio pelo “senso de desilusão pré-

---

<sup>5</sup> Em carta escrita em 1905, Synge declara que “[d]e uma maneira tudo é comovente, em um lugar as pessoas estão morrendo de fome, mas são maravilhosamente atraentes e encantadoras, e em outro lugar, onde as coisas estão indo bem, tem-se uma galopante vulgaridade papada que nunca vi igual” (SYNGE, *apud* MURPHY, 2003, p. 129).

---

histórica” de uma nativa (AI, 121). Embebido em uma noção imperialista de progresso histórico e, paradoxalmente, contrapondo-se a esta, Synge espacializa o tempo e temporifica o espaço ao visualizar a ilha como um *espaço anacrônico*.<sup>6</sup>

Essa fantasia de deslocamento temporal é referendada pela ausência de relógios nas ilhas, um detalhe sugestivo de um tempo sempre em desalinho com a modernidade. Como poucos nativos são “suficientemente acostumados aos tempos modernos para compreender (...) a convenção das horas”, relata o viajante, “quando eu lhes informo as horas pelo meu relógio não ficam satisfeitos e perguntam quanto tempo lhes resta antes do crepúsculo”. Devido a uma “ignorância geral de qualquer horário preciso” (AI, 33), os camponeses são “incapazes” de obedecer ao ritual aristocrático do pôr-se à mesa para refeições periódicas. Contudo, o que o visitante simplifica como mera ignorância envolve uma questão de ordem econômica: frequentemente sondados pela miséria, os camponeses não poderiam entregar-se ao luxo, ainda que assim o desejassem, de alimentar-se religiosamente com pontualidade inglesa. Mais: como ali o tempo de trabalho tampouco era regular, porque dependente não tanto da vontade humana, mas de condições conjunturais como o humor marítimo ou o êxito em uma relação comercial, seria inviável dividir temporalmente a relação trabalho/lazer como nos moldes industriais urbanos. Quando observa a frugalidade com que mesmo os trabalhadores braçais se alimentam, o visitante, em vez de indagar se tal parcimônia se deve ao estado de penúria em que vivem, deslumbra-se com a pouca importância dada à alimentação: “Muitas vezes, quando Michael está fora arrancando batatas por oito ou nove horas sem comida, ele entra e come algumas fatias de pão caseiro, e então está pronto para sair comigo e passear por horas ao longo da ilha” (AI, 36). Indiferente, pois, a questões socioeconômicas, Synge interpreta – e celebra – determinados comportamentos dos insulanos como valores culturais notavelmente pré/anti-modernos.

Nesse exercício de orientalismo doméstico, a invenção da diferença se vale do deslocamento também espacial. Se os ícolas não são europeus porque se encontram estagnados no tempo, também não o são devido a um

---

<sup>6</sup> McClintock denomina “espaço anacrônico” (*achronistic space*) um recurso colonialista em que uma “diferença geográfica através do espaço é figurada como diferença histórica ao longo do tempo” (McCLINTOCK, 1995, p. 40). Por conseguinte, diferenças de classe, etnia e gênero observadas em deslocamentos espaciais seriam projetadas em uma noção de tempo histórico, na qual o viajante representaria a ideia de progresso socioeconômico e cultural em contraste com a condição historicamente anacrônica de grupos subalternos.

---

deslocamento geográfico que ora os situa à margem da Europa enquanto habitantes “de uma rocha molhada no Atlântico” (AI, 30) e ora os aproxima do “exótico” Oriente. Malgrado, diversamente de orientalistas convencionais, Synge buscasse o exotismo em sua própria terra, também tinha o Oriente como *topos*, tanto que identificava traços orientais em detalhes pitorescos das ilhas, tais como o rubro espetáculo do vestuário das cozinheiras que, em contato com o flamejar ígneo, produzia “um brilho de riqueza quase Oriental” (AI, 17), e a música de um bizarro cantor cujo desempenho “lembrou-me, no efeito geral, de um canto que certa vez ouvi de um grupo de orientais com que eu estava viajando” (AI, 175).

Quanto à língua, componente identitário categórico na resistência à imposição colonial, a narrativa enseja observar uma flagrante imposição cultural interna. À época das visitas de Synge, a *Gealic League* se disseminava pelas ilhas, de modo que crianças e jovens passavam tardes às voltas com livros e cadernos enviados de Dublin. Ora, se o gaélico constituía um quesito basilar de nativismo, os camponeses, que não faziam questão alguma de ser primitivos – segundo Synge, “[n]a geração mais velha, que não está sob a influência do recente movimento linguístico, não vejo nenhum carinho especial pelo gaélico” (AI, 123), uma vez que “sempre que podem, eles falam em inglês com os filhos, para torná-los mais capazes de fazer o seu caminho na vida” (AI, 123-124) –, deveriam (re)aprender a sê-lo por iniciativa de intelectuais urbanos, pertencentes, em sua maioria, à Ascendência Protestante anglo-irlandesa. O fato de Synge ser politicamente favorável à regaelicização do mundo *Gaeltacht* e contrário à imposição da língua no restante do país, evidencia que o desenvolvimento da Irlanda depende do isolamento cultural, social e econômico de grupos que deverão sempre permanecer à margem do progresso – já que na nova ordem socioeconômica pós-Grande Fome o conhecimento do inglês consistia em uma condição de sobrevivência – enquanto depositários de uma suposta tradição ancestral.

Como demonstração de que os insulanos são movidos por “estranhas simpatias arcaicas com o mundo” (AI, 177), Synge ressalta o quanto são hiperbólicos na expressão de emoções e sensações como a dor, haja vista um velho que fizera questão de levá-lo a uma estrada tão-somente para lhe mostrar “o quão longe na estrada podiam ouvi-lo dizer: o tempo em que ele teve uma dor de cabeça” (AI, 220). Quando do embarque de dezenas de porcos rumo ao mercado inglês, o viajante pôde observar o quanto os animais também eram

---

exagerados: “Provavelmente a dor infligida não era grande, mas os animais fechavam os olhos e berravam com entonações quase humanas” (AI, 168). Teriam os “nativos” aprendido com eles, ou contrário? A distância entre as duas “espécies” parece tão mínima que os animais chegam a parecer humanos, e vice-versa, já que na mais primitiva das ilhas “se é forçado a acreditar numa simpatia entre homem e natureza” (AI, 51), e “[a] ausência da pesada bota europeia preservou nessas pessoas o ágil caminhar do animal selvagem” (AI, 33).

O fato de os ilhéus estarem tão próximos da natureza bruta quanto os animais explica, ao ver de Synge, as marcas de selvageria expressas em diversas situações: “Se dois cães lutam numa ribanceira (...) os homens se deleitam e fazem todo o possível para manter a fúria da batalha” (AI, p. 219); “Vi algumas vezes uma menina se contorcendo e uivando de dor de dente, enquanto sua mãe estava sentada do outro lado da lareira apontando para ela e rindo como que se divertindo com a visão” (AI, 218); “Eles amarram as cabeças dos burros aos seus cascos para impedi-los de se extraviarem, de uma forma que deve causar dor horrível” (AI, 218). Mais: ao adentrar-se por uma cottage, Synge certa vez encontrara “todas as mulheres do lugar de joelhos arrancando as penas de patos e gansos vivos” (AI, 219). Um desses atos de selvageria supostamente peculiar ao extremo oeste inspiraria o enredo de *Playboy of the Western World*:

Ele sempre me fala sobre um homem de Connaught que matou o pai com o golpe de uma pá quando estava em cólera e depois fugiu para esta ilha e atirou-se à mercê de alguns dos nativos com quem se dizia ser relacionado. Eles o esconderam em um buraco (...) e o mantiveram seguro por semanas, embora a polícia tenha vindo e procurado por ele, e ele pudesse ouvir suas botas de moagem nas pedras sobre sua cabeça. Apesar de uma recompensa ter sido oferecida, a ilha era incorruptível, e depois de muita dificuldade o homem foi transportado com segurança para a América (AI, 88).

Certo de que, longe de contingente ou restrito a uma circunstância específica, “[e]sse impulso de proteger o criminoso é universal no oeste” (AI, 89), Synge cogita duas hipóteses para tal condescendência, mas aposta exatamente na que revela a natureza selvagem da gente local: “Parece, em parte, devido à associação entre a justiça e a odiada jurisdição inglesa, mas, mais diretamente, ao sentimento primitivo dessas pessoas, que nunca são criminosas, mas sempre capazes de crime” (AI, 89). Ainda que o cotidiano dos

---

camponeses não excluísse traços de violência, o viajante se mostra de tal sorte obcecado pelo excêntrico que confere relevo desproporcional à violência como marca de um primitivismo que parece conter “toda a raiva apaixonada que se esconde em algum lugar em todos os nativos da ilha” (AI, 52). Esse entendimento de aspectos culturais como estigmas raciais reforçados pelo meio sugere uma *racionalização da cultura* na medida em que diferenças culturais são tomadas como diferenças de ordem racial, o que lhes empresta um caráter de naturalidade enquanto inscrições biológicas. Por conseguinte, maximiza-se a diferença entre o observador comedido e civilizado, quase sempre alheio aos eventos relatados, e o “temperamento semisselvagem de Connaught” (AI, 136). Esse distanciamento em face do universo observado, condição peculiar ao viajante, constitui um mecanismo-chave de distinção entre o Eu e os Outros, evidente em declarações como “[s]ubjacente à simpatia que sentimos ainda há um abismo entre nós” (AI, 122) e “[d]e algumas maneiras esses homens e mulheres parecem estranhamente distantes de mim”, de forma que “eu não posso falar com eles quando não há muito a dizer, mais do que para o cão que geme ao meu lado em uma névoa de montanha” (AI, 120). Um crítico literário contemporâneo de Synge sintetizou com precisão o voyeurismo sádico implicado nessa obsessão pela diferença:

O charme peculiar de *Aran Islands* e de outros livros de sua classe não consiste na identificação do narrador com a vida das pessoas que ele descreve, mas, sim, na acentuação do contraste entre o filho sofisticado das cidades e o simples bárbaro. É o encanto estético de ajuizar ilusões através dos olhos dos desiludidos (SHERMAN, 1917, p. 202).

“[D]ificilmente há um em dia que eu não vejo alguma nova feição primitiva na vida deles” (AI, 243), maravilha-se o visitante que, em uma profusão de adjetivos, projeta o desejo pela diferença na “descrição” de figuras exóticas como um “velho meio cego” que lhe narrara convictamente os pormenores de como um de seus filhos fora abduzido pelas fadas, bem como uma “moça extraordinária cujas narinas curiosamente formadas e o queixo estreito davam-lhe uma expressão de bruxa” (AI, 37). Já um velho reumático, “vestido com miseráveis trajes negros”, caminhava tão inclinadamente que “mais parecia uma aranha do que um ser humano” (AI, 22). Outro homem, dotado de “extraordinária feiura” (AI, 173), chamou-lhe atenção por suas gargalhadas ensandecidas, levando-o a conjecturar, com ares científicos, que esses “homens estranhos com testas recuadas, maçãs do rosto salientes e olhos

---

ingovernáveis” parecem representar “algum tipo antigo encontrado nestes poucos acres na fronteira extrema da Europa, onde apenas em brincadeiras selvagens e risos eles podem expressar sua solidão e desolação” (AI, 174). No rastro da etnologia vitoriana, Syngé enquadra fisicamente o Outro em um discurso generalizante e classificatório, construindo a alteridade étnica com base em apanágios verificáveis que os camponeses trariam não apenas nos modos e costumes como na própria constituição física. Construído como uma raça diferente, o camponês habita, social e geograficamente, as margens da Europa moderna.

Os íncolas tanto haviam internalizado sua condição de subalternidade que assumiam uma postura subserviente em relação ao visitante aristocrata, fosse pela mesura dos pronomes de tratamento a ele dispensados – frequentemente Syngé é reverenciado como “senhor, sua honra ou nobre pessoa” –, fosse pelo fornecimento de mão-de-obra braçal: “Quando encontrei um homem na escuridão e pus minha bolsa em seus ombros, ele acabou por ser bêbado e tive dificuldade em impedi-lo de rolar do cais com todas as minhas posses” (AI, 135). A imagem emblemática do bêbado analfabeto, levando nas costas uma mala de livros para o homem letrado, constitui um exemplo contundente de assimetria de lugares sociais e evidencia que as relações de poder são tão visíveis no nível material quanto no discursivo em um processo no qual a hierarquia discursiva naturaliza e codifica a estratificação social. Todavia, essa mesma subserviência pode ser vista, sob outro prisma, como uma forma de negociação sugestiva de que a “colonização” não se deu unilateralmente. Se os turistas se refestelam com a exotização dos modos e costumes locais, os insulanos também encontram formas de tirar proveito do contato, seja pela requisição de propina aos visitantes – “depois de ir comigo por algumas centenas de jardas, ele parou e pediu cobres” (AI, 8) –, seja pela venda de souvenirs: “eles guiam “senhoras e senhores” no verão a tudo o que vale a pena ver na sua vizinhança, e lhes vendem sapatos rústicos [*pampooties*] e samambaias de avencas” (AI, 8).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o controverso *Orientalism*, de Edward Said, um veio dos estudos pós-coloniais se atenta para sistemas de representação em narrativas de

---

contatos do Ocidente metropolitano moderno com alteridades étnicas e geográficas. Em contraste com a focalização em narrativas de viagens intercontinentais, pouco se atenta para a representação/construção da alteridade no interior do território europeu, o que sugere uma noção essencialista de Europa como uma entidade homogênea, sem desigualdades e tensões internas. *The Aran Islands* – narrativa em que a diferença é construída não somente no território europeu como no interior de uma comunidade nacional pretensamente una – evidencia que os espaços, para além de pontos em mapas, são construtos culturais investidos de significados que não raramente fixam e codificam diferenças.

Escrevendo em um período de Alto-Imperialismo, quando da emergência de uma relação imperial pautada na conquista, anexação e administração de novos territórios, Synge incorpora em seu *modus operandi* técnicas de representação e estratégias enunciativas comuns a viajantes inseridos no processo civilizatório imperial, mais notadamente a ênfase em diferenças espaço-temporais e étnico-raciais entre o *eu* e seus *outros*. Ainda que vinculado a um movimento anticolonial, Synge partilha, portanto, de códigos linguísticos e mapas conceituais que o inscrevem em uma formação discursiva imperial. Todavia, em franco contraste com o processo civilizatório, seu projeto é eminentemente anticivilizador na medida em que, longe de assumir o *white man's burden*, de conectar os “primitivos” à marcha da história e convertê-los aos modos “civilizados”, o viajante atua como o extremo oposto de um agente do Iluminismo na medida em que sua exploração, diferentemente de uma “colonização” convencional, aspira à manutenção do *modus vivendi* nativo em um estado o mais primitivo possível.

Seu “relato”, ainda que pretensamente imparcial e cientificamente objetivo, consiste em não mais do que uma projeção que, situada na fronteira entre a ficção e o registro documental, forja identidades e diferenças mediante o recurso da representação. Todavia, embora Synge invente aquilo que pretensamente descreve com objetividade, não se trata de uma representação distorcida que usurpa o lugar de uma verdadeira, porquanto se a representação é sempre uma inscrição vinculada a relações de poder, o avesso de uma representação racista não consiste simplesmente em uma “verdadeira”, mas em outra representação, engendrada a partir de outra posição enunciativa nas dinâmicas de poder.

---

## REFERÊNCIAS

BOURGEOIS, Maurice. **John M. Synge and the Irish Theatre**. London: Constable & Company Ltd., 1913.

JANSSON, David R. Internal orientalism in America: W.J. Cash's The Mind of the South and the spatial construction of American national identity. **Political Geography**, n. 22, p. 293-316, 2003.

MASEFIELD, John. **John M. Synge**: a few personal recollections, with biographical notes. Churchtown: The Cuala Press, 1915.

McCLINTOCK, Anne. **Imperial Leather**: race, gender and sexuality in the colonial contest. London: Routledge, 1995.

MURPHY, Paul. J. M. Synge and the Pitfalls of National Consciousness. **Theatre Research International**, v. 28, n. 2, p. 125-142, 2003.

ORLANDI, Eni P. **Terra à vista**: discurso do confronto – Velho e Novo Mundo. Campinas: Cortez, 1990.

SHERMAN, Stuart P. The exoticism of John Synge. In: **On contemporary literature**. New York: Henry Holt & Company, 1917, p. 190-210.

SYNGE, John M. **The Aran Islands**. Dublin: Maunsel & Co., Ltd., 1907.

YEATS, William B. **Synge and the Ireland of his time**. Churchtown: The Cuala Press, 1911.